



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



Louise Fontes Araújo

RELATÓRIO DE ATIVIDADES ORIENTADAS DE ENSINO

Paranaíba

2024

Introdução

No Brasil, a prática de acolhimento psicológico remonta ao contexto de Reforma Psiquiátrica, um movimento social e político iniciado nos anos 1970, que visava transformar o modelo de tratamento para pessoas em sofrimento psicológico, distanciando-o das práticas de internação e exclusão (Lancetti e Amarante, 2009). Com a promulgação da Lei 10.216 em 2001, foi estabelecido que o tratamento de pessoas com transtornos mentais e/ou em sofrimento psicológico deveria priorizar a atenção comunitária e a inclusão social, ao invés do isolamento em instituições (Pitta, 2001). Nesse contexto, o acolhimento psicológico se consolidou como um dos pilares desse novo modelo de saúde mental, oferecendo um espaço seguro para a escuta e o cuidado humanizado em diversos locais, desde os serviços de atenção primária até os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) (Yasui, 2006).

O termo acolhimento psicológico conta com diversas definições, segundo Costa-Rosa (2009), trata-se da prática de escuta qualificada e sensível, a fim de que o indivíduo sinta-se ouvido e compreendido. Tal escuta deve ser acompanhada de postura ativa e empática do profissional, com valorização das experiências subjetivas e oferecimento de suporte desde o primeiro contato. Oliveira e Furtado (2017), acrescentam que o acolhimento psicológico também deve encarregar-se da articulação com rede de apoio, dessa forma, a partir da identificação das necessidades imediatas do indivíduo, deverá ocorrer o encaminhamento deste para serviços ou recursos que possam oferecer suporte adicional, como dispositivos em saúde ou grupos de apoio.

Nos serviços-escola de universidades que possuem curso de Psicologia, a prática de acolhimento psicológico é convergente com ambas as definições abordadas acima, uma vez que, nestes locais há oferecimento de escuta qualificada, validação das experiências do indivíduo, fornecimento de orientações e encaminhamento para recursos adicionais de apoio (Amaral et al., 2012).

Como destaca Souza (2013), o acolhimento realizado pelos estudantes proporciona não apenas benefícios para os indivíduos que procuram pelo serviço, mas também contribui para o desenvolvimento de habilidades do estudante, como de escuta, empatia e conhecimento teórico para embasar o manejo das situações. Nesse sentido, o acolhimento em serviços-escola não só oferece aos estudantes a oportunidade de prática supervisionada e aprendizado, mas também de suporte psicológico à comunidade, caracterizando-se como uma

alternativa acessível de atendimento, visto que, barreiras financeiras e sociais podem dificultar o acesso a serviços psicológicos em outras instituições (Ferreira e Pasche, 2017).

Além do acolhimento psicológico, o plantão psicológico também é uma prática possível em serviços-escola de universidades que oferecem cursos de Psicologia, cujo objetivo também é proporcionar acolhimento. Entretanto, essa prática diferencia-se por ser voltada para situações emergenciais ou momentos de crise, sem a necessidade de agendamento prévio (Pereira & Silva, 2020).

Método

O presente trabalho se propôs a compilar informações do projeto “Acolher e aprender: acolhimento e plantão psicológicos na perspectiva da Análise do Comportamento”, desenvolvido na Seção de Psicologia do campus de Paranaíba (MS), conduzido por discentes do 7º e 8º semestres do curso de Psicologia. O acolhimento e o plantão psicológicos seguiram os princípios e técnicas da Terapia Analítico Comportamental, dessa forma, a principal ferramenta utilizada para compreender e sistematizar o contexto em que os comportamentos se originam e se mantêm foi a análise funcional (de-Farias et. al, 2018). As informações compiladas circunscrevem o período de 2022 a 2024/1.

Resultados e Discussão

Referente ao público atendido 81,08% eram mulheres, enquanto 18,9% eram homens. Quanto à faixa etária, 82,4% eram adultos, 12,1% adolescentes e 5,4% idosos. Quanto à cor da pele, 52,7% dos indivíduos eram brancos, 33,7% pardos e 13,5% negros. Quanto à escolaridade, 17,5% possuíam Ensino Fundamental Incompleto, 2,7% Ensino Fundamental Completo, 14,8% Ensino Médio Incompleto, 32,4% Ensino Médio Completo, 9,4% Ensino Superior Incompleto, 16,2% Ensino Superior Completo e 6,7% pós-graduação. A busca pelos atendimentos caracterizou-se em grande maioria como espontânea, entretanto, 13,6% dos indivíduos receberam encaminhamento de outros profissionais e instituições para buscar pelo serviço. As principais queixas apresentadas foram, dificuldades de relacionamento interpessoal (46,5%), ansiedade (34,2%), depressão (21,9%), luto (10,9%), comportamentos autolesivos e ideação suicida (9,5%), dificuldades de autoregulação emocional (5,4%), alcoolismo (5,4%), anedonia (5,4%), violência doméstica (5,4%), insônia (4,1%), baixa autoestima (4,1%), dificuldade de aceitação de diagnóstico psiquiátrico (2,7%) e comportamento purgativo (1,3%). Destaca-se que 39,7% dos indivíduos atendidos utilizavam

medicação psiquiátrica de forma contínua. Por fim, 60,2% dos indivíduos receberam encaminhamento interno para continuar os atendimentos psicológicos em modalidade de psicoterapia, 24,6% abandonou o processo de acolhimento, 9,5% dos casos foram resolutivos e 6,8% recebeu encaminhamento externo. Dessa forma, depreende-se que a grande maioria dos indivíduos que buscam pelos atendimentos do Serviço-Escola de Psicologia do CPAR, são mulheres, adultas, brancas, com ensino médio completo, cuja demanda central são dificuldades de relacionamento interpessoal. Em sua maioria, recebem encaminhamento interno para continuarem os atendimentos em modalidade de psicoterapia.

Link com os resultados obtidos dispostos em planilha: https://docs.google.com/spreadsheets/d/1_xzg_AtqNOnRuaEnk9Fod7wL-mAIcoEbXrEZcjwISbk/edit?gid=1881504191#gid=1881504191

Conclusão

Em conclusão, o trabalho possibilitou o delineamento do público atendido pelo serviço e das principais demandas psicológicas existentes no município, promoveu maior rapidez na gestão da fila de espera dos atendimentos e integração entre a universidade e os moradores da cidade. Além disso, proporcionou o desenvolvimento de habilidades psicoterapêuticas e analíticas essenciais para os discentes estagiários.

Referências Bibliográficas

- Amaral, A. E. V., Luca, L., Rodrigues, T. de C., Leite, C. de A., Lopes, F. L., & Silva, M. A. da. (2012). Serviços de psicologia em clínicas-escola: Revisão de literatura. *Boletim de Psicologia*, 62(136), 37–52.
- de-Farias, A. K., Fonseca, F. N., & Nery, L. B. (2018). *Teoria e formulação de casos em análise comportamental clínica*. Artmed Editora Ltda.
- Ferreira, J. S., & Pasche, D. F. (2017). Serviço-escola e o acolhimento psicológico: Uma experiência inclusiva e transformadora. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(1), 49–57.
- Lancetti, A., & Amarante, P. (2009). *Saúde mental e saúde coletiva*. Editora Hucitec.

- Oliveira, M. S., & Furtado, J. P. (2017). *Acolhimento e suporte na rede de saúde mental comunitária*. Autêntica.
- Pereira, M. L., & Silva, R. A. (2020). Clínicas-escola de Psicologia no Brasil: Desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Psicologia Aplicada*, 15(3), 32–48.
- Pitta, A. M. R. (2001). *Um olhar crítico sobre a reforma psiquiátrica brasileira*. Editora Hucitec.
- Souza, L. M. (2013). A importância do acolhimento psicológico no serviço-escola: Um estudo exploratório. *Psicologia em Estudo*, 18(2), 245–253.
- Yasui, S. (2006). *A gestão do cuidado em saúde mental: O cotidiano do trabalho em CAPS*. Editora Hucitec.